ANNO 3.º — Sabbado, 26 de fevereiro de 1910 — Numero 106

O DEMOCRATA

ORGÃO SEMANAL DO PARTIDO REPUBLICANO NO DISTRICTO DE AVEIRO

PROPRIEDADE DA Empreza do «DEMOCRATA»

DIRECTOR—Arnaldo Ribeiro

Toda a correspondencia relativa ao jornal, deve ser dirigida ao director.

REDACÇÃO e ADMINISTRAÇÃO
Rua Direita n.º 108

ASSIGNATURAS (pagamento adiantado)

Anno (Portugal e colonias)	1$000 réis
Semestre	500 »
Brazil (anno) moeda forte	2$000 »
Avulso	20 »

Composto e impresso na Typ. Minerva Central de José Bernardes da Cruz
RUA TENENTE REZENDE—AVEIRO

ANNUNCIOS

Por linha (segunda e terceira pagina)	40 réis
Quarta pagina	20 »

ANNUNCIOS PERMANENTES, contracto especial.

Sertorio Affonso

Vinha-o minando a doença pertinaz, mysteriosa, incuravel.

A morte apossara-se d'elle e com elle luctava com serpente que o envolvesse em suas espiras de aço e o alfinetasse desapiedadamente com o seu colchete peçonhento.

Aquelle organismo de tão grande poder de resistencia, não podia mais.

Foram mezes horrorosos, annos seguidos, que elle passou a batalhar com o soffrimento, a repellir a morte implacavel, sem poder descançar um instante se não á custa do veneno. A quietação, o socego, a paz dava-lh'a por momentos, avaramente, aquelle corpo nervoso, cujos ossos se ouviam ranger nas suas juncturas como o cavername d'um barco que a furia das ondas desfaz nos rochedos, á custa de injeções repetidas de morfina.

Mil imagens dantescas tumultuam no nosso espirito, qual d'ellas mais arripiante disputando a imagem do seu soffrimento incrivel.

Não são martyres sómente aquelles que os homens prégam n'uma cruz, queimam nas fogueiras, penduram das forcas ou endoidecem nas masmorras empestadas sem luz, nem ar.

Martyres são tambem aquelles que, como Sertorio Affonso, arrastam a vida e a vida acabam estorcendo-se n'uma agonia atroz. Martyr da vida, da propria vida physica, da palpitação da materia, a sua tortura, lenta, vagarosa, fria, faz-nos estremecer de horror.

Pois é possivel soffrer tanto um corpo humano?

Pois póde haver alguem, n'este valle de lagrimas a quem estejam reservadas semelhantes dores?

E cogitando isto n'esta tarde chuvosa em que o seu cadaver vae baixar ao seio da terra, em que elle, dormindo o somno dos justos, somno eterno de paz, de descanço, onde já não ha dores que façam contrahir um musculo, onde já não ha tormentos que possam ensombrar a fronte, onde já nenhuma magua é capaz de gerar um suspiro, uma lagrima, um lamento, nós sentimos perpassar pela nossa alma uma sombra de pessimismo. Para quê viver?

Para quê um espirito vivo e agil; para quê uma vontade forte; para quê uma alma pura, uma aspiração, um ideal?

Nas horas amargas que como esta, nos desilludem e quebrantam, passageiramente o philosophar de Diogenes, o cynico, de Schopenhauer, o pessimista, nos invade a alma roubando-nos momentaneamente a fé, a força, a esperança.

Gottejam os beirados, choramigando, n'uma tarde nevoenta e fria em que um vento desabrido, aragem de inverno sopro de morte, zumbe *mizes* nos fios que nos trouxeram a noticia funebre e vae esguedelhando os chorões e os salgueiros onde as folhinhas novas começavam a rebentar.

Tarde que nos acabrunha e nos entorpece, em que nem sequer passa uma rajada impetuosa que dissipe essas nuvens e nos mostre um clarão de sol, uma nesga de ceu azul!

* * *

Mais um luctador e convicto republicano desapparece de nossas fileiras e que immensa falta nos faz. Amigo dedicadissimo de Francisco de Moura, Sertorio Affonso parece que quiz seguil-o na morte como em vida o tinha seguido.

Ambos e juntos trabalharam muito pela Republica e á democracia relevantes serviços prestaram no acanhado ambito do seu meio.

Deve-se-lhes a elles ambos o *Centro Escolar Republicano de Aveiro.*

Francisco de Moura, impossibilitado pela doença, não sahiu de casa.

O Sertorio andava, fallava a todos, incitava uns com o seu exemplo e a sua fé inquebrantavel, censurava outros com a sua rude franqueza, pela sua indolencia; captava assignaturas e socios, arranjava donativos, fechava contractos, equilibrava os orçamentos, a tudo provendo com solicitude, con ponderação, com economia, não desanimando um momento, não se poupando a nenhum sacrificio.

Era de una actividade sem egual, de uma dedicação sem limites.

Magro, esqueletico, nervoso, os seus olhos faiscavam de enthusiasmo na realisação dos seus planos, como faiscavam de indignação quando, contrariado, se exaltava ou quando via o seu ideal perseguido, os seus amigos calumniados, contrariada a verdade e a justiça.

Não perdoava a ninguem um desleixo, uma prova de fraqueza, uma falta de coragem.

Ultimamente com a doença, e as horrorosas dores que soffria a que a medicina não poude dar alivios, apossara-se d'aquella alma um desespero angustioso.

Tornava-se rispido, queixava-se de todos nos seus momentos de maior dôr. Mas não passava instantes sem que a todos os seus amigos bemdissesse com palavras de saudade, a custo arrancadas por entre suspiros amargos.

Da ultima vez que o visitámos, ainda n'esta cidade, era já tarde. Tinhamos de nos auzentar no dia seguinte e queriamos deixar-lhe alguma palavra de conforto. Quando nos sentiu e conheceu, exclamou soluçando:—ainda me não esqueceu esse amigo! Soluçava quando lhe apertámos a mão esqueletica. Estava sentado n'uma cadeira, embrulhado, aconchegado, serenando um momento á custa das injeções de morfina. Pela face cadaverica, mirrada, parecendo um espirito despido da carnagem humana, corriam-lhe as lagrimas, vagarosas, sumidas como a sua voz—Ai, meu amigo, meu amigo, já não chego a ver nada! Nem os dias lindos da nossa Costa-Nova, nem um dia da nossa Republica!

E assim foi. A morte não o quiz deixar ver a nossa Primavera.

* * *

Durante muito tempo alimentou esperanças de melhorar e esperava essas melhoras para levar a cabo em Aveiro uma grande festa dos republicanos do districto, a que deveria vir presidir o dr. Antonio José d'Almeida.

Era um admirador d'esse grande tribuno, alma eleita que elle abençoava e que anciosamente queria ver n'esta terra e no seu Centro, para onde conseguira um bello retrato do illustre republicano, offerecido pela photographia Carvalho, de que era representante n'esta cidade.

Trabalhador infatigavel, de uma honestidade austera e sempre prestavel, Sertorio Affonso deixa immensas saudades, porque deixa innumeros amigos, porque foi sincero, honesto, bom.

O Centro Republicano, a sua obra querida, deixa-a com a mais profunda dor, porque ella era um dos seus sonhos constantes.

A sua memoria é tanto mais digna de ser venerada quanto é certo ser Sertorio Affonso da mais humilde condição social.

A sua vida é um exemplo de honestidade, de trabalho, de independencia, de vontade e de civismo, digno de ser consagrado. Assim baixa á sepultura com o respeito de todos, amigos e adversarios, como no meio do respeito de todos sempre viveu.

* * *

O enterro de Sertorio Affonso foi modesto e em tudo harmonico com a sua ultima vontade.

Tendo fallecido em Espinho, em casa d'um velho amigo para onde quiz ir e que lhe dispensou até á morte, todos os cuidados que a doença impunha, o seu cadaver chegou á estação d'esta cidade pelas 7 horas da tarde de terça-feira onde o foram aguardar muitos dos nossos correligionarios que tiveram conhecimento da hora e a quem a chuva não impediu de prestarem a derradeira homenagem áquelle que em vida tanto se havia sacrificado pela causa republicana.

Ali encontrava-se tambem uma carrêta para conduzir o caixão e foi assim, entre pobres, com tochas acezas, e seguido dos correligionarios e amigos, que o desditoso Sertorio atravessou as ruas da cidade até á sua nova morada a encontrar-se com o companheiro que ainda ha pouco lá deixámos coberto de lagrimas e da mais profunda saudade.

Vinha envolto na bandeira do *Centro Republicano* e á porta do cemiterio dois turnos se formaram para segurarem as suas estremidades. O primeiro compozeram-no: Bernardo de Souza Torres, Manoel Augusto da Silva, Alfredo Osorio e Julio Gomes; o segundo, dr. Cunha Coelho, José Pinheiro Palpista, Antonio Maria Duarte e Eduardo Trindade.

Antes do ferretro dar entrada na capella o nosso director, acercando-se do ataude, proferiu o elogio de Sertorio Affonso appellando para todos quantos o escutavam no sentido de honrarem a sua memoria, trabalhando, como elle, pelo bem commum a que tão devotado era e ao qual sacrificou, por vezes, não só a bolsa, mas ainda o seu bem estar, a saude, a vida.

Eram perto de 9 horas quando o cadaver de Sertorio Affonso pousou dentro da capella e nós nos retirámos cheios de magua por mais esta baixa nas nossas fileiras, baixa que como a de Francisco Antonio de Moura representa uma grande perda, um incalculavel prejuizo para as nossas hostes aguerridas.

Notas soltas

A chave do caixão foi entregue ao nosso distincto correligionario sr. dr. Eduardo Moura que se encorporou no prestito desde a Estação.

*

Além do *Centro Republicano d'Aveiro*, commissões municipal e parochiaes, fizeram-se representar no funeral as seguintes collectividades e correligionarios de fóra:

Dr. Alfredo de Magalhães, lente da Escola Medica do Porto, pelo sr. dr. Carlos Coelho.

Commissão Municipal Republicana de Espinho e dr. Pinto Coelho, pelo sr. dr. André dos Reis.

O *Mundo* pelo seu correspondente.

A *Patria* pelo presidente da commissão municipal, sr. Bernardo Torres.

O *Norte*, a *Independencia de Agueda* e o nosso collega Alberto Souto, pelo director de *O Democrata.*

*

O nosso amigo sr. José de Carvalho, de Espinho, em casa de quem Sertorio Affonso falleceu, tambem aqui veio acompanhal-o, retirando no mesmo dia para aquella praia.

Com egual fim, de dizer ao morto o ultimo adeus, veio de Coimbra o seu intimo amigo Julio Gomes.

*

Sobre o feretro foram depostas tres corôas de flores artificiosas, sendo uma da familia, outra do sr. José de Carvalhe e a terceira do *Centro Escolar Rspublicano*, que em signal de sentimento conservou durante tres dias a bandeira a meia haste.

—

Apreciações da imprensa

Da *Patria*:

SERTORIO AFFONSO

Acaba de morrer em Espinho este velho e intrepido republicano. Não é uma alta figura mental esta que agora desapparece, mas é um singular combatente que deserta.

A ala democratica de Aveiro, ha pouco ainda experimentada pela aniquilação de Francisco de Moura, reconhecerá neste momento quanto importa, a ausencia de Sertorio Affonso. Porque se ele termina seus dias afóra da linda cidade do Vouga, durante largos annos, vivendo adentro d'ella, queimou na lucta—saude, dinheiro e energia.

Arrebatado e não raro de feição azeda, este homem emagrecido, pallido, franzino, doente, encerrava a alma mais enthusiasta e mais nobre, o mais largo e generoso coração.

A sua acção de proselito e de organisador, era travada com a ingenua e sagrada fé ante a qual os mesmos adversarios se impressionam e commovem. Já cançado e batido pela doença que acabaria por derrubal-o, ardiam-lhe as pupilas em brilhos jubilosos a cada um dos pequenos e parciaea successos da causa republicana.

A' sua tenacidade se deve, como ao appoio de Francisco de Moura, a fundação do Centro Escolar Republicano d'Aveiro. Em erguer esse reducto, quanta força de vontade não consumiu o bom e saudoso Sertorio Affonso!

Bravo trabalhador d'uma patria nova, lançando dia a dia o seu grão de areia no edificio a erguer, deu-se á obra commum, sem mira em gloria, nem ambição de recompensa.

Só no momento em que a enfermidade ameaçou vencel-o, appareceu no Porto e aqui se internou no hospital da Ordem de S. Francisco, onde carinhosamente o cuidou o nosso illustre amigo dr. Alfredo de Magalhães, que lhe votava particular estima.

O mal era demasiado já para ser batido pela medicina e Sertorio Affonso, sahindo e recolhendo-se a casa do seu amigo, sr. José Carvalho, em Espinho, de quem era societario, lá findou hontem, apesar da extranha declinação e cuidados de que o rodearam.

Em face do pobre e martyrisado corpo d'esse homem, portuguez d'uma só fé e d'uma só lei, cidadão modelar e patriota cheio d'amor pela sua terra e

de esperança em seu resurgimento, sente-se magua e ao mesmo tempo o respeito.

De dedicação, ardor, sacrificio, isenção, amarguras sem conta e serviços sem salario, foi o tributo d'esta honrada creatura á causa republicana. Toda a força da democracia reside n'isto, n'este espirito de renuncia das mais legitimas ambições para o triumpho de uma ideia.

Que repoise em paz o bom amigo, o pobre Sertorio Affonso.

A' familia enlutada, a seus filhos, aos republicanos d'Aveiro, a affirmação de que partilhamos a sua dôr e o seu luto.

Do *Norte*:

Mais um que a morte arrebata! Mal enxutos os nossos olhos d'uma irreparavel desventura, nova dôr, aspera e terrivel, havia de penetrar-nos o coração. Hontem perdiamos essa veneranda e prestigiosa figura de F. de Moura, amortalhada nas bençãos unanimes e suavissimas d'uma cidade inteira que muito e estremecera porque elle muito a honrara na inteireza indefectivel do seu caracter espartano, inteiriço, na dignidade heroica da sua fé civica, admiravel e modelar; hoje é ainda essa linda, encantadora, terra d'Aveiro que pranteia o desapparecer do mais indefesso combatente pela causa sacrosanta da Republica. Diriamos que a morte tem má bocca; o monstro distingue e prefere na sua voracidade implacavel as prezas mais delicadas e mais raras. Como ella é sinistra, a morte!

Quem era Sertorio Affonso? Sabem-no bem aquelles que de perto o conheceram e por isso mesmo o amaram cem ternura. Para os outros, é simples de fazer a biographia d'este cabouqueiro modesto e rude d'uma Patria Nova. Não foi um grande homem, não foi uma potencia social, foi um grande e prestimoso filho do povo, um portuguez de lei, util e honrado, energico e devotadissimo, por temperamento e pela feição intelligente e logica do proprio espirito, á causa fundamental da libertação do seu paiz, sacrificando-lhe, com a saude e o bem estar, todo o seu pensamento, todas as suas canceiras, todo o seu cuidar. A dentro d'uma organisação franzina e mesquinha, que a morte invencivel facilmente prostrou, sempre frenetico e crispado de insubmissão e revolta contra a oppressão ignominiosa da monarchia de Bragança, vibrava um coração admiravelmente edificado para toda a especie de abnegações.

N'elle, como em tantos outros patriotas obscuros, que dissipam a vida ás mãos-cheias, loucamente, pelo triumpho desinteressado d'uma ideia, encarnava em toda a nobreza a alma immaculada e valorosa do nosso povo, sempre valente e sempre bom. Nos ultimos tempos, a braços com cruel doença, que o atormentava infernalmente, nos intervallos fugazes da acalmia, a sua preoccupação de toda a hora, o seu incessante sonho de ventura, giravam ainda em torno da Republica, a sua bem amada, atravez de mil projectos impossiveis...

Pobre Sertorio! Não conseguiste vêr realisada a tua chimera; mas no minuto extremo, quando tocavas a raia do aniquillamento, tiveste a felicidade de entrever na communhão solidaria das almas amigas, tuas irmãs, a victoria decisiva do Espirito Novo, infinitamente mais religioso e mais humano que o espirito de todas as religiões.

Descança eternamente.

*

Missa de sufragio

Deve rezar-se na proxima segunda-feira pelas 9 horas da manhã, na egreja da Apresentação, uma missa por alma de Sertorio Affonso.

A familia convida por este meio todos os seus amigos a assistirem áquelle piedoso acto.

Suprema ignominia

Sómente um indeclinavel dever profissional nos força ao sacrificio de pousar a vista sobre esse asqueroso pasquim, que para ahi se publica, envergonhando a nossa terra, e que tanto parece ser do agrado de determinados esteios do conservantismo nacional.

Nunca suppozemos ser tão baixa a bitola moral e intellectual de certas individualidades que, com toda a embofia, se réclamam de educadas e inimigas acerrimas de determinados processos jornalisticos, mas que, a todo o momento se desmentem, como no caso sujeito, em que palmejam descompostamente o espectaculo repugnante d'uma desprezivel creatura que metteram em fôfas com o espirito progressivo e democratico da Nação, valendo-se da sua comprovada falta de escrupulos alliada ao mais infernal dos despeitos.

Sim, o heroe d'este arrazoado, cujo nome, por obsceno se deve omittir, é, primeiro que tudo, um forte despeitado impulsionado tambem por sentimentos de ganancia desmedida, que não o fazem vacillar perante a *chantage* pura e simples.

Tendo occupado no partido republicano o cargo de maior responsabilidade que se pode confiar a correligionarios, pois fez parte do Directorio, a que ascendeu por processos que em nada abonam as suas noções de democracia, viu-se de um momento para o outro apeado e olhado com desconfiança pelos seus antigos partidarios.

Já então o partido constatou que a sua ambição desmarcada não tinha a desculpal-a uma forte decisão e uma coragem que inspirasse confiança. Não. O nosso heroe mostrou sobejamente a sua pusillanimidade, a sua cobardia, nas vesperas do 31 de janeiro.

De então para cá nunca o seu nome tornou a ser pronunciado com sympathia a dentro das fileiras do partido do Povo. Era positivamente abominado.

Mais tarde, como lhe não ligassem a importancia a que elle se imaginava com direito, affastou-se do partido, dando assim inicio á longa gestação do despeito que de ha muito lhe corroe a carcassa cancerosa.

Hoje é um energumeno ao serviço da Reacção e dos delapidadores da fazenda publica que, aterrados com o incremento verdadeiramente assustador para as suas conspicuas personalidades, da Democracia portugueza, veem n'elle o agente apeticido e capaz de—oh! irrisão!—entravar-lhe a marcha triumphante, mercê de traiçoeiros e odiosos processos de combate, que só bandidos podem desculpar e defender.

Sim! não ha duvida que a calumnia, o insulto, as phrases veladas e a apostrophe desbragada contra republicanos são hoje as armas de maior predilecção dos nossos inimigos.

Simplesmente estes processos, longe de prejudicar aquelles a quem visam, exteriorisam apenas a mentalidade e o raivosismo d'uma facção sectaria e impotente, ao mesmo tempo que são a confissão tacita do temor que lhes inspira o partido do Povo, hoje em vesperas de resgatar a Nação dos *patriotas* que a conduziram á ignominia e á bancarrota.

Quereis exemplos comprovativos? Não será difficil apresental-os. Basta recorrermos á chamada *boa imprensa*. Alli não se escreve, esguicha-se toda a especie de humores malignos contra adversarios; conspurca-se, a tanto por linha, as reputações, ainda as mais solidas; lança-se, a sange frio, a suspeita mais infamante sobre pessoas, cuja correcção e norma de proceder não auctorisam a mais leve desconfiança; inclusivamente, por um criminoso e indesculpavel faccioismo, não se hesita em forjar o descredito contra o bom nome do paiz, como ainda ha pouco o fez a *Palavra*, do Porto, n'um telegramma fabricado na propria redacção.

Pois á frente d'esta canalha, batendo o *record* d'estes *apaches* d'imprensa, está ainda o bandido-mór d'Aveiro. Esse então é torpe, ignobil e obsceno.

Vejam as insinuações infamissimas de que este repugnante reptil se fez ecco contra o glorioso Guerra Junqueiro. Só bandidos do peor estofo, só verdadeiros desqualificados, só grilhetes com alma de cano de esgoto se atreveriam a tentar empallidecer a aureola prestigiosa do collossal poeta do D. João, escrevendo ou dando guarido a phantasticas revelações depreciativas da sua indiscutivel inteireza moral; só escribas, alugados a meias pelo cofre da policia e pela bulla da santa cruzada, ousariam enlamear uma gloria nacional com reputação universal; finalmente só a mais abjecta encarnação do mercenarismo politico, hoje existente entre nós, seria capaz de acceitar o odioso papel de fraldiqueiro esfaimado, ladrando á honra de tão collossal figura da litteratura patria! E não ter havido quem, após tão vergonhoso desacato, lhe lançasse um bolo de strychinina! Como são singularmente protegidos os bandidos!!

O seu pasquim é hoje a cloaca maxima onde fermentam as escorrencias putridas da parte dessorada da sociedade portugueza. Toda a calumnia anonyma contra os espiritos libertos de preconceitos é acolhida e perfilhada pelo nosso heroe sem a mais pequena hesitação, apesar de não terem conta as que os alvejados se dão ao incommodo de pulverisar no proprio pasquim, ou n'outros jornaes.

Quem quizer defeçar uma baboseira, uma infamia, uma aleivosia contra outrem, não tem mais que subscriptal-a para Aveiro, que tem garantida a publicação.

Dá-se mais um facto curioso: O nosso heroe é, hoje, quem menos escreve no pasquim, pois que este é quasi todo feito por subscripção, tantas são as cartas e communicados anonymos que borram a alvura do papel, visando republicanos e algumas outras individualidades suspeitas de liberaes.

Tudo lhe serve para a *chantage* e para a engorda... das algibeiras. Escrupulos nem sombra, vergonha muito menos, lealdade deixou-a na... Leziria. Hoje é boi corrido da... praça publica, sem cotação nas *ganadarias* pelas manhas que contrahiu no redondel.

Tal é o valioso esteio em que a monarchia radiosa se firma para garantia da sua estabilidade.

Tal é o penicularío sem escrupulos que as sachristias foram desencantar para combater o espirito moderno.

Não lhes damos nada pela caça.

FALLE CLARO

Havendo n'esta cidade quem queira ver n'uma local inserta no ultimo n.º da *Beira Mar* allusões encapotadas ao auctor d'estas linhas, convida-se o mesmo jornal a que **falle claro**, se por ventura é a nós que pretende visar, e o seu director a que diga sem rodeios o que tiver a dizer sobre a nossa moralidade.

Arnaldo Ribeiro.

Noticiando a ida da rainha D. Amelia a Biarritz, o nosso collega do Corgo, *Os Successos*, escreve:

Diz-se que a rainha vae planear o casamento do sr. D. Manuel II com o rei d'Inglaterra.

Oh! amigo Villar, então isso poderá ser, um rei casar com outro rei?

E de mais a mais com tanta differença de edade!?...

"O Mundo„

Teve larga extracção, antehontem, este nosso intemerato collega da capital que em toda a sua primeira pagina e parte da segunda publica um magistral artigo do dr. Cunha e Costa sobre o regicido e as causas proximas que o determinaram.

Os exemplares que vieram para Aveiro esgotaram-se rapidamente e mais que fossem.

Semana Politica

Cartas d'um lisboeta

Reatando hoje estas modestas correspondencias interrompidas por affazeres particulares do seu auctor, começaremos por cumprimentar S. S.ª o sr. Juiz de Instrucção Criminal, que ainda, mercê de Deus, nos deixa andar livremente por estas ruas de Lisboa, pejadas actualmente por uma matilha esfaimada de bufos e de *canastras*, que tudo ouvem, tudo apontam e, ou o vão communicar ao orgão official da reacção, ou, pela vil cartinha anonyma, parlamentam com o poderoso pachá da *Invenção Criminal*.

Lisboa é pois, n'esta occasião, pasto d'uma fraldicagem policieira que, recebendo o santo e a senha da Parreirinha, vae ao mesmo tempo embolçando do misero contribuinte a quem prende e véxa, os cobres ganhos n'uma misera e atribulada labuta.

Mas emfim, que seria das instituições sem o Juiz de Instrucção Criminal?

Que seria mesmo do Juiz de Instrucção Criminal, sem as instituições que lhe pagam o melhor d'uns 6 contos de reis?

. . . .

O sr. José Luciano de Castro poderoso sóba dos Navegantes, deu ordem aos seus agentes eleitoraes para cortarem no recenseamento a torto e a direito.

E ahi desataram elles a cortar, a cortar, e de tal maneira, que freguezia ha, onde os eleitores passaram a ser policias, cabos de policia, chefes de policia, e pessoal superior da policia.

Em proximas eleições, que dirá o governo, se ao mandar á Camara a mesma minoria republicana, o fôr... com o voto da policia.

Naturalmente o caminho a seguir está mais ou menos indicado:—licencear a policia.

. . . .

Falla-se muito na ida ao poder do Teixeira de Souza e é minha opinião pessoal de que, de facto, elle irá em breve, dada a extenuante falta de *massa* dos seus amigos politicos que não *comem* ha alguns annos.

Isto de politica, amigos, faz uma fraqueza estomacal de tal ordem, que politico que esteja muito tempo fóra das boas graças ministeriaes, acaba por começar a frequentar a assistencia...

E é assim que esta instituição, debaixo do patronato e auxilio da senhora D. Amelia, serve para duas cousas, na realidade muito indispensaveis: manter o indispensavel prestigio caridoso da Realeza e sustentar, na adversidade, a politicagem que medra, como sanguesuga viciosa, n'este paiz digno de melhor sorte.

Hayrton.

Julgamento importante

Responderam no fim da ultima semana, em policia correccional, José Marques da Cunha e Maria Feijoa e filha, aquelle accusado de haver tentado contra o pudor da Feijoa, filha, e estas de haverem injuriado o José Marques, gravemente, na sua honra e bom nome.

Foi advogado do reu o nosso presado amigo e correligionario sr. dr. André Reis e das mulheres o sr. J. Silva.

Dizem-nos que a defeza produzida por Andé Reis foi eloquentissima, destruindo uma a uma todas as accusações imputadas ao seu constituinte para quem conseguiu uma sentença absolutoria, emquanto as rés eram condemnadas, a primeira em 30 dias de prisão e a segunda em 60, sellos e custas dos autos

Congatulando-nos com o triumpho alcançado pelo nosso amigo, cujos dotes intellectuaes e amor ao trabalho ficaram mais uma vez comprovados, d'aqui lhe enviamos os nossos parabens sinceros, como sincero é o desejo de o vêrmos elevado pela sua intelligencia e pelos merecimentos de que tem dado sobejas provas.

Julgámos que o sr. Jayme Silva tivesse perdido de todo o feitio revolucionario de outros tempos, que estivesse convertido inteiramente á *ordem*, mas isso sim.

Ainda ha rabia um poucochito de sangue vermelho.

Desacatos, protestos, chufas, nada d'isso! E' desordem! São discolos! São garotos, bebedos, desordeiros!

Porrada para cima! E' preciso manter a ordem e a disciplina social; garantir a segurança publica, metter tudo na ordem (excepto se fôr uma grévesita do *nabo*, com as competentes pedradasitas ás janellas do sr. Gustavo, da fabrica de moagens, do sr. Meirelles, do sr. Ignacio Cunha, desrespeito á auctoridade, aggressão á policia, ameaças, insultos, etc., etc.) E' que isso é uma grande revolta de... franquistas, desordeiros de outro tempo.

Hoje mesmo não lhe desagradava ainda uma pedradasita atraz do *Frade*, hein? Hoje mesmo ainda ia uma grande revolta... de contribuintes contra o sr. Gustavo, hein?

Vamos que a reacção ainda não o vassalou de todo.

Juiz de instrucção

Continúa a dar que fallar pelas tropelias que constantemente comette, o sr. Antonio Emilio de Almeida Azevedo, ex-irm.·. Hoche, transformado em defensor acerrimo da corôa, da egreja e do franquismo que o applaude e incita.

E' até onde póde chegar o descaramento...

AO SR. SUB-INSPECTOR PRIMARIO

E' preciso que V. Ex.ª saiba quem é o professor que pretende levar os petizes da escola para a revolução.

E' preciso que V. Ex.ª saiba quem é o professor primario d'este concelho que pergunta aos petizes da escola se o seguem so venha a revolução.

E' preciso que V. Ex.ª saiba quem é o professor d'este concelho e tem saudades do Buiça e do Costa.

E' preciso que V. Ex.ª saiba onde é que os petizes revolucionarios guardam as espingardas de canna rachada com que se preparam para a revolução, os canhões de sabugueiro, as granadas de baga de loiro, os pes, as saccas dos botões e os paus das bilhardas!

O caso é grave e merece todo o cuidado, sr. Cerqueira!

E' preciso metter o professor e os petizes na ordem.

Reclama-o a *Beira Mar* e reclamamol-o nós, embora á gargalhada.

ESCAVAÇÕES

Na Servia como em Portugal

O povo sérvio, revoltando-se, provou que possuia as energias que salvam as nações. Estava ao dispôr do arbitrio. O governo pessoal empolgára o paiz. Com mais valentia e risco **fazia-se lá o que João Franco fez em Portugal,** e o que outros fizeram depois, appoiados no precedente d'esse João Franco.

Um jornal, o *Diario*, que não é hostil a João Franco, transcreve da *Independencia Belga* a causa principal da revolução da Servia. Sabem qual foi? **A audacia com que o governo falsificou a representação nacional.** Nas ultimas eleições, não foi á camara um UNICO DEPUTADO da opposição!

Tal e qual como entre nós. Para impedir que a nação mandasse á camara dois ou tres deputados republicanos, que não iriam lá mais, **praticou João Franco os mais revoltantes attentados** e n'essa esteira seguiram todos os ministros da monarchia.

Da opposição monarchica, os que lá vão é com a condição expressa de fingirem que se *oppõem*. No fundo não ha opposição nenhuma. Se lá fossem para fazer opposição a valer, como se fazia na Servia, o governo portuguez, como o governo sérvio, impedia-lhes a entrada. E a prova está no que, com as leis de João Franco, se fez aos partidarios do mesmo João Franco.

Na Servia, a nação estava posta de parte. **O rei punha e dispunha.** Fazia o que queria. Era o unico arbitrio. Era o unico poder.

E' o *Diario* que o diz, transcrevendo da *Independencia Belga*. Querem vêr? Ora vejam:

«O rei Alexandre póde julgar-se bem agora o senhor absoluto e dirigir a seu gosto a politica de este pequeno paiz, tão profundamente perturbado pelas contendas e discordias provocadas pelos mandatos da familia real».

O rei Alexandre era tudo, como em outros paizes que nós muito bem conhecemos.

Mas, como dizia a mesma *Independencia Belga*, parecendo advinhar os acontecimentos: **«Nada mais perigoso para um soberano que abusar do seu poder, que exasperar os elementos democraticos e impelli-los á necessidade absoluta de recorrer á violencia para fazer triumphar a sua causa».**

Nada mais perigoso, realmente. Mas todos seguem fatalmente esse caminho. Em eles se lançando no declive do poder pessoal, vão até ao fim.

Diga-se a verdade: o absolutismo tem encantos. Esta coisa d'um homem pôr e dispôr de todos os outros á vontade, enche a algibeira e o papo. Por isso, em elles se acostumando não voltam atraz. Por vontade, nunca. **Só se fôr á força.**

Vejam na Servia vejam na Hespanha, vejam em toda a parte. Na Servia houve muitas resistencias, muitos indicios de que a nação não supportava eternamente o jugo que vinha pezando há muito sobre ella. Atendeu o rei essas resistencias? Viu esses indicios? Isso sim!

A Hespanha n'outro dia mostrou claramente o seu desgosto. Apressou-se a monarcia a entrar n'outro caminho? Isso sim!

Não entrou nem entrará.

Então tenham paiencia, que os da Servia viram-se obrigados a proceder assim. Não representam estas palavras um incitamento mas o nosso modo de vêr geral sobre a questão.

Pena foi, que eliminassem um rei para irem buscar outro. Isso foi estupidez. D'aqui a pouco estão na mesma.

Havendo na Servia um forte partido democratico, só se póde explicar o facto pelo predominio do elemento militar na revolução, que parece ter sio forjada exclusivamente nos quarteis.

Fosse como fosse, **os sérvios demonstraram que tem sangue nas veias.**

Quando o caso chegou a certa altura, não estiveram com meias medidas: foram ás do cabo.

Nós bem diziamos o outro dia **que o João Franco era tolinho imaginando que não bateu já a ultima hora do poder pessoal.** Viesi tarde, menino! E' tarde! E' tarde!

Em Portugal, como em toda a Europa, a corrente democratica engrossa, avoluma e traça firmemente o caminho.

Conta-se de José Estevão este caso:

«Havia no parlamento um deputado que voltava a casaca, sempre que lhe cheirava a queda do ministerio, para ser eleito novamente pelo outro partido. Uma vez, n'uma votação, votou contra o governo, que julgava moribundo.

José Estevão, quado lhe ouviu o voto, exclamou: «Ai João, que d'esta vez foste ao charco!»

Na verdade, o govrno aguentou-se, fez novas eleições e o homensinho nunca mais oi deputado.

Sem a comparação ser muito exacta, João Franco tem, comtudo, um bocadito do tal deputado. Sahir-se a investir com os republicanos, depois de dois annos de silencio, com novo ardor pelo poder pessoal, é bater om as ventas no sedeiro.

Até agora vae pai as questões agrarias só porque, diz o *Popular*, o rei recommenou ao governo essas questões.

Ai João, João, qu os tempos não vão propicios ao poder pessoal!

Ora sua excellencia verá.

(*Povo de Aveiro*, Junho de 1903.)

E viu, effectivamente. Assim como nós vemos hoje a transformação que e operou no cerebro d'aquelle que tal escreveu, comparano a sua prosa de agora como a de então.

«A escripta nacional»

Acabamos de receber do distincto professor lisboense, sr. Alexandre Fontes, a offerta do seu recente livro ititulado —*A iscripta nacional ou a ortographia portugueza etymolo-ca e tradicional*, que muito agradecemos por ser um estudo d'alta valia e interesse para a lingua portugueza de que o sr. Alexandre Fontes é um devotado paladino.

O volume a que nos reportamos contem 446 paginas e é dos melhores trabalhos que temos visto pois pode ser consultado com a maior facilidade por quantos careçam de vêr e certificar-se da maneira como devem escrever certas palavras.

Recommendamo-lo aos nossos leitores para que o abquiram, conscios de que não darão o seu dinheiro por mal empregado.

«A Policia, as Obras Publicas, a Camara Municipal, o desprezo a que tudo se lançou, esses tumultos de Arada que ha quasi dois annos se estão consentindo, essas desordens permanentes em que hoje se bate nos guardas policiaes, ámanhã se humilha a guarnição militar e depois—em plena egreja—se offendem os crentes e se desrespeitam os sacerdotes, tudo isso de baixa Roma (!!!) que desde o regicidio se nota n'esta desgraçada terra; o abandono a que se votaram quasi todos os serviços publicos, as faltas dos empregados ás respectivas repartições, emfim essa desordem em que tudo se encontra, isso, collega é que é o cumprimento da lei?» pergunta a *Beira-Mar* ao *Progresso*, como tacho que fallasse á certã.

Com licença, mas mettemos o bedêlho—isso tudo é **falta de Jayme Silva!**

Caixa Economica

Recebemos d'esta util instituição local o relatorio da gerencia de 1909 por onde se vê claramente os beneficios que presta e as vantagens que trouxe ao commercio a sua creação.

E' digna de todos os louvores a direcção que o subscreve, composta dos srs. Francisco Regalla, Jacintho Rebocho e Arnaldo Fortuna.

Christo, tendo sonhado com *choças* e armas em Aveiro, fez no pasquim grande alarme ameaçando tudo e todos com a pistola de que anda munido e que está prompto a disparar contra o primeiro que d'elle se acerque.

Faltou-lhe accrescentar: assim como fiz ao redactor do orgão franquista a quem *prometti* vir metter-lhe duas balas na cabeça...

O Reverendo Jayme Salomão da Silva

«Se soubesse que o Salomão exorbitava, a *Beira Mar* seria a primeira a chamar as auctoridades!»

Emende, sr. Jayme Silva, emende. Se o Salomão em vez de insultar do pulpito os republicanos e os liberaes e defender a reacção alliada do franquismo, insultasse os franquistas ou verberasse os crimes dos reis, dos ricos e dos poderosos, carregasse nas dictaduras, nas tyrannias, nas *unhas aduncas*, nos *adeantamentos* por que os monarchicos teem roubado o dinheiro d'um povo que está pagando pezadissimos impostos de consumo para que aos reis não faltem luxuosas cavallariças, riquissimos guarda-vestidos, inverosimeis salas de jantar, passeatas e etc., etc., a *Beira Mar*, não chamaria as auctoridades, applaudiria uma corrida como ahi fizeram ao Senna Freitas, ao Bispo Conde, ao sr. Albano de Mello, uma gréve do *nabo* ou coisa semelhante.

Mas se o Salomão lhe enche o papo, parecendo no pulpito um Jayme Silva de sobrepeliz a gritar na *Beira Mar* contra o professor primario que quer levar os petizes para a revolução com espingardas de canna rachada, assim como Jayme Silva na Fogueira parecia um Salomão de bigode a clamar contra os maçonicos e a chamar os fieis para o confessionario para desagravarem os *sagrados corações* das offensas dos liberaes... que não querem jesuitices como as que vão por esse paiz fóra com o applauso do ex-jacobino e ex-maçonico Jayme Silva e mais reaccionarios da mesma força!... Se o Salomão no pulpito lhe faz, á sombra da religião, a propaganda politica que Jayme Silva não é capaz de fazer á sombra da sua auctoridade!...

Lembra o caso do outro que applaudiria o sr. Egas Moniz se elle atacasse o convento de Jezus d'esta cidade, mas que lhe perguntava no jornal o que vinha cá fazer desde que vinha combater a reacção!

Magnifica *Beira Mar*.

E magnifico tambem, o seu mentor.

Concerto

Annuncia-se a vinda a esta cidade, no proximo dia 5 de Março, do Orpheon Academico de Coimbra, que á noite se fará ouvir no «Theatro Aveirense».

Os bilhetes já se acham á venda na Tabacaria Reis, aos Arcos.

Pergunta-nos um *constante* porque é que Jayme Silva que ás vezes se mette comnosco e de quando a quando nos dá troco, não respondeu ao que lhe dissemos no ultimo numero sobre o conflicto do carnaval, desordeiros de Aveiro, propagandista da desmoralisadora etc., tendo respondido ao *Progresso*.

Nós sabemos lá, sr. *constante*?

Talvez porque o justo não se escandalisa.

* * *

Outro leitor ali de Arada, vem-nos pregar outra estopada como o *constante*. Pergunta-nos se Jayme Silva já não volta a fallar nos *discolos* que querem assassinar (e já o trataram á bomba no meio de uma rojoada) o santissimo vigario. Que os discolos estão por lá saudosos da prosa do sr. Jayme e que a pedem como as creanças pedem Emulção.

Ora nós o que sabemos a esse respeito é que o sr. Jayme parou durante numeros com a campanha contra os *discolos* para descobrir os revolucionarios cá da terra. Como já deu com os empregados publicos e com o professor e outros mais que irá indicando, descance o *discolo* de Arada que a prosa vae continuar.

Hoje começou já elle... *esses tumultos* etc.

Vae vêr o bom e o bonito.

O Zé Gadancho

Morreu ha dias, no hospital, este conhecido typo das ruas com quem as raparigas travessas costumavam tirar baralha para lhe ouvirem as pretenciosas basofias de conquistador.

Era já velho e foi sempre um inofensivo.

Paz á sua alma.

De viagem

Parte ámanhã com destino á America do Norte, o sr. José Maria da Costa Brêda, nosso patricio e amigo que ali vae tentar fortuna.

Que faça bôa viagem e seja muito feliz, é o que sinceramente lhe desejamos.

Ultima hora

Julgamento do "Pulha d'Aveiro,"

Sexta-feira, 1 h. da tarde.

Está constituido o tribunal collectivo para julgamento de Francisco Christo no processo que lhe move o nosso correligionario d'Agueda, dr. Eugenio Ribeiro por injurias e diffamação, no pasquim de que é director.

Preside o meretissimo juiz sr. dr. Ferreira Dias tendo por adjunctos os srs. drs Antonio Carlos Mello e Alvaro de Moura.

A accusação é representada pelo distincto advogado de Lisboa, sr. dr. Carlos Amaro a quem o seu collega d'esta cidade, dr. André Reis, cedeu o encargo em vista do empenho d'aquelle.

A casa das audiencias está completamente cheia de espectadores, vendo-se no Largo Municipal um grande magote de policias fardados e com os revolveres a tiracollo.

O advogado de defeza do réu é o celebre **Xandre**, orador inflamado do comicio da Fogueira, que acaba de fazer a sua contestação. A ella nos referiremos mais de espaço por ser uma peça de se lhe tirar o chapeu.

A primeira testemunha a depôr é o sr. dr. Carlos Coelho, seguindo-se-lhe dr. Abilio Marques, dr. Eduardo Moura, Alfredo de Brito, etc. Todos são concordes em que o auctor é incapaz de commetter qualquer delito menos digno.

2 horas e meia.

Começam os debates. Usa da palavra o dr. Carlos Amaro. Faz um brilhantissimo discurso que é escutado no meio de religioso silencio produzindo a melhor impressão no auditorio.

Xandre, falla em seguida. O que diz? Berra, berra, berra, como na Fogueira, dá as fifias do costume, refere-se ao *Democrata* por ter posto a nú a auctoridade moral e as pustulas do seu constituinte e termina instigando o reu a proseguir na sua obra infame.

6 horas.

Sentença

O juiz presidente profere, por fim, a sentença, que condemna o reu a 50$000 réis de multa, custas e sellos do processo e 4$000 réis a titulo de procuradoria.

Um dos juizes assignou vencido.

Regressou a Bellas o nosso assignante, sr. Joaquim da Maia, que á sua casa de Almieira veio passar algum tempo.

Correspondencias

Pará, 7 de fevereiro.

Realisou-se, como prenoticiamos, na noite de 31 de janeiro, no *Centro Republicano Portuguez* d'este estado, sob a presidencia do sr. Augusto Alves Teixeira, secretariado pelos srs. José da Costa Alves e Augusto Vieira de Faria, uma sessão commemorativa da revolta do Porto.

Na mesma occasião foram inaugurados os retratos dos illustres democratas os srs. drs. Affonso Costa e Manuel d'Arriaga, fazendo uzo da palavra os srs. Alfredo de Castro, José Julio Ferreira Godinho, José Torres Corrêa d'Almeida e Pinto Ramos, que foram ruidosamente ovacionados.

Os retratos que se achavam cobertos com bandeiras republicanas foram descerrados pelo sr. Ivo Jozué, director do *Echo Luzitano* produzindo-se na sala grandes manifestações não só aos festejados, como tambem aos principaes vultos do partido republicano portuguez.

As ornamentações no interior do *Centro* eram deslumbrantes, vendo-se entre a assistencia muitas senhoras portuguezas que de bom grado se teem associado ás nossas festas patrioticas.

A sessão principiou ás 8 1/2 horas da noite terminando perto das 11.

Ali representámos o *Democrata*, cuja leitura n'esta terra está despertando a attenção de muita gente, vendendo-se já avulso na agencia Martins.

—Em commemoração da mesma data, o jornal *Patria Nova*

orgão do *Centro*, sahiu impresso em papel especial e com artigos adquados, sendo bastante lido e apreciado

—No dia 31 ultimo tentou suicidar-se com um tiro de rewolver na garganta, pelas 10 1/2 horas da noite, no quarto n.º 4 do Hotel America, á rua do Conselheiro João Alfredo, o portuguez Alfredo Basto Villa do Conde, casado, de 25 annos de edade, caixeiro viajante, por via do que teve de dar entrada no Hospital da Ordem Terceira, onde se acha em estado melindroso

Ao ser interrogado, o infeliz declarou á policia ter tentado contra a propria vida devido a varios desgostos.

Sua esposa encontra-se actualmente em Chaves, Portugal.

—Ainda em egual dia, nas obras da Port-of-Pará, em Val-de-Cães, foi assassinado á bala pelo malvado Jaek Larbet, natural do Canadá, o portuguez João Lisboa, de 40 annos de edade, casado e com filhos menores.

O assassino, que é solteiro e novo, foi preso pouco depois, sendo o cadaver de João Lisboa conduzido para a morgue aonde chegou ás 7 1/2 da noite.

—Appareceu, ha pouco, á venda, um folheto, obra d'uns quatro *thalassas*, em que são depreciados diversos homens illustres do partido republicano e bem assim o nosso *Centro* que, pelo visto, lhes causa engulhos.

A avaliar pela sua leitura deprehende-se que os auctores da *porcaria* são individuos sem importancia e sem criterio de quem nem vale a pena fallar, tal o nojo que nos causa a sua miseria moral.

Pobres idiotas!...

•

Cacia, 16.

Já retirou para Lisboa, o nosso amigo e correligionario, sr. Manoel Caetano Valente.

Como dissémos no *Democrata*, o nosso querido amigo veio de proposito aqui para proceder e assistir, com sua familia, á trasladação dos restos mortaes dos seus maiores, cujo acto foi deveras imponente, pelo cunho de sinceridade de que foi revestido.

A rua funeraria, depois de celebrada uma missa de suffragio, foi conduzida á mão pelos srs. Manoel Teixeira Ramalho, Manoel José da Silva Ricardo, Manoel Simões Dias Vigairinho e José Ramos da Silva até ao jazigo de familia onde ficou depositada. Sobre ella via-se uma importante corôa de flôres artificiaes, offerta do sr. Manoel Caetano Valente a seus chorados paes.

Na occasião da missa, o sacerdote que a resou proferiu algumas palavras alusivos ao acto que causaram enorme commução na assistencia.

Os pobres de freguezia e logares circumvisinhos não foram esquecidos pelo nosso amigo, pois n'aquelle dia distribuiu por elles perto de 13$000 reis o que bastante o nobilita, sendo digno de todos os louvores. C.

•

Bomsuccesso, 13.

Tendo-me limitado sempre ao meu fraco e restricto papel de simples correspondente, sinto-me d'esta vez compellido a transpôr as minhas humildes attribuições.

Impulsionado pela gratidão, compartilho com o partido republicano d'Aveiro do luto que a morte de Francisco Antonio de Moura trouxe ás suas fileiras.

Uma unica vez tive o ineffavel prazer de ouvir, a sós, (honra, por minha parte imerecida) as anhelantes vibrações de aquella alma tão humanitaria e patriotica; e a sua fé pelo Ideal da regeneração reteniu tanto aos meus ouvidos, que jámais o poderei esquecer ou deixar de honrar a sua memoria.

Que descance em paz o bom cidadão.

Amandio Rocha.

•

Pedrogam Grande, 22.

Pedrogam não é só fertil em azeite e cortiça, tambem por aqui abundam os parasitas do regimen, creaturas mediocres, sem habilitações, alguns que nem marçanos souberam ser, e aqui se encontram na posse do cargos, que embora não demandem grandes esforços de intellecto, era de esperar fossem occupados por indeviduos com sentir, homens em toda a excepção do termo.

Pois é uma grande parte d'estes *cavalheiros*, que nada produzindo para esta terra, realisam verdadeiros *concilios*, onde, quando se não trama qualquer attentado á honra alheia, se procura enxovalhar, desgostar, e até calumniar, para que esta bandalheira não tenha fim, e para que os intuitos de quem pretende varrer esta *esterqueira* que nos asphyxia, não possam tornar-se um facto, porque, aqui como em toda a parte, é preciso que a ignorancia prevaleça, porque só com a ignorancia do povo, estas matilhas deixam de receber o pago que lhes é devido.

Porque está esta villa abandonada?

E' porque não tenha elementos para se modernisar, ou rendimentos para possuir melhoramentos que aqui faltam como pão para a boca?

Todos sabem que esta terra tem elementos para se transformar como por encanto; mas aqui não se trata de atrahir, de concorrer para levantar esta villa; aqui trata-se de intrigar, ameaça-se este, porque se dá com aquelle, e tudo são embaraços, para quem pensa em trabalhar para a sua terra! Desgostar tudo e todos, é o caminho que está traçado, para que não tenha fim a série de ladroeiras que aqui se teem commettido. Mas não levarão a melhor n'esta campanha, que só tem por fim ser util á minha terra!

Aqui como em toda a parte, não tenho inventado, só a verdade que todos conhecem, tem vindo a publico; por isso todas as accusações que tenho feito, estão de pé, porque, para as amparar basta a sinceridade que as dita, e seja qual fôr o meio de que se lance mão, a carapuça que alguns se apressam a colocar, fica para sempre, como um brado da minha indignação, contra os *sanguesugas*, que teem levado este concelho á miseria!

E' aqui, frente a frente, que proclamo todas as vossas infamias, sem recorrer ao embuste, nem ao empenho, porque, para vos reduzir ao silencio, basta a verdade que é tudo!

Se a todos os pedroguenses fosse dado conhecer os processos de que lançam mão certos personagens, haviam de revoltar-se, sentir nojo de tanta corrupção. Outro dia foi aquelle celebre requerimento á camara, feito só para desgostar a pessoa a quem visava, e que o seu presidente acceitou, embora fosse elle proprio, que, quando vereador, foi pela camara nomeado para a representar no assumpto! Agora é o pateta do Eduardo Costa quem procura os dois medicos da terra para os consultar sobre se elles se associam á canalhice que lhes dominava o tacanho cerebro, e que visava a obter dos mesmos, um attestado onde se declarasse que o homem que tem sido a sombra negra d'esta corja, não está no uso das suas faculdades!

E' claro que nem tudo ainda está abandalhado n'este pequeno torrão!

Por isso, o *pandorga*, foi, como não podia deixar de ser, *corrido*, indo participar ao *grupo da trama, que não se pode fazer nada!*

Arre!

Como posso eu deixar de fustigar esta quadrilha?

Um pedroguense.

Declaração

Antonio Ferreira Canha Junior, viuvo, negociante do logar de S. Bernardo, declara que d'esta data em deante passará a assignar-se unicamente Antonio Ferreira Canha, passando o Junior para seu sobrinho Antonio, filho de Manoel Ferreira Canha, tambem negociante do mesmo logar.

S. Bernardo, 24 de fevereiro de 1910.

Antonio Ferreira Canha.

Expediente

Em virtude de estarmos procedendo á cobrança das assignaturas d'este jornal, rogamos a todos os nossos assignantes a quem forem apresentados os recibos de pagamento ou que tenham aviso das estações do correio para os irem satisfazer, o favor de não os deixarem vir devolvidos, pois que isso não só nos acarreta maior despeza, como ainda nos transtorna sobremodo a escripturação que desejamos trazer quanto possivel em dia para evitar um certo numero de faltas que ás vezes se dão sem motivo que as justifique.

A'quelles que já satisfizeram enviando-nos a importancia em estampilhas ou vale, os nossos agradecimentos.

•

No Pará e Manaus, Estados Unidos da Republica do Brazil, são, respectivamente, nossos representantes e portanto encarregados de receberem as assignaturas, os snrs. João José Nunes da Silva, rua Nova de Sant'Anna, 89 e Manuel Taveira Coutinho.

"O DEMOCRATA"

Encontra-se á venda nos seguintes locaes:

AVEIRO

Veneziana Central—Arcos.
Kiosque Souza—Praça Luiz Cypriano.

LISBOA

Tabacaria Monaco—Rocio.
Kiosque Elegante—Rocio.
Tabacaria Julio Neves—Calçada do Carmo, 5.
Tabacaria Neves—Rocio.
Tabacaria Marécos—R. do Principe, 124.
Havaneza Central—Rocio.
Tabacaria Portugueza—R. da Prata, 16.
João Teixeira Fragão—R. do Amparo, 52.
Tabacaria Ingleza—Praça Duque da Terceira, 18.
Manuel Gomes Geraldo—Calçada da Estrella, 111.
Kiosque Flôr da Esperança—Rua D. Carlos I.
Tabacaria Ponte Ferreira—R. Conde de Redondo, 133.

PORTO

Agencia de Publicações—R. do Laranjal.

ESPINHO

Kiosque Reis.

COIMBRA

Tabacaria Central—Rua Ferreira Borges.
Fernandes Vaz—Rua do Infante D. Augusto.
Agencia de Publicações.—Rua da Sophia.

ALCOBAÇA

José Narciso da Costa.

Montemor-o-Novo

José Maria da Costa Corvo.
Domingos José de Mattos

Figueiró dos Vinhos

Mercearia Carlos Liborio.

AVIZ

Bemjamim Victorino Ruivo.

NIZA

João Thomaz de Faria

Vianna do Castello

Kiosque da Praça da Rainha.

Faro

Tabacaria Central,

Chaves

Livraria Mesquita.

Vila Real Traz-os-Montes

Joaquim Rebello de Araujo—R. Direita.

Portalegre

Silvestre Maria Bolou.

Figueira da Foz

Barbearia Manuel Palhas

Villa Franca de Xira

Joaquim Vidal Junior.

Aljustrel

Manuel Brandão

Coruche

Manuel Baptista

Vizeu

Herculano de Lemos Figueiredo
José Gomes Alface

Arronches

João José da Cunha Moraes

Aldegallega

Aurelio J. Cruz

Gouveia

Miguel dos Reis

Setubal

Tabacaria José Tavares—Praça do Bocage, 39.

ANNUNCIOS